



# A Santa Sé

---

## **DISCURSO DO SANTO PADRE AO CORPO DIPLOMÁTICO PARA A APRESENTAÇÃO DOS BONS VOTOS PARA O ANO NOVO\***

*Excelências*

*Senhoras e Senhores*<sup>1</sup>. Queira cada um de vós acolher a minha cordial gratidão pelos bons votos que o vosso Decano, o Embaixador Giovanni Galassi, quis exprimir e apresentar-me gentilmente em nome de todos. Do profundo do coração, retribuo e formulo ardentes votos para cada um de vós, a fim de que Deus abençoe as vossas pessoas e as vossas nações e queira conceder a todos um ano próspero e feliz. Imediatamente, porém, me vem à mente uma pergunta: o que significa, para um diplomata, um ano feliz? O espectáculo oferecido pelo mundo neste mês de Janeiro de 2001 poderia fazer duvidar da capacidade da diplomacia para fazer reinar a ordem, a equidade e a paz entre os povos. E todavia não nos podemos resignar à fatalidade da doença, da pobreza, da injustiça ou da guerra. É certo que, sem a solidariedade social ou o recurso ao direito e outros instrumentos da diplomacia, estas situações terríveis seriam ainda mais dramáticas e poderiam mesmo tornar-se insolúveis. Por isso, vos agradeço, Senhoras e Senhores, pela vossa acção e pelos vossos esforços perseverantes em favor do entendimento e da cooperação entre os povos.<sup>2</sup> O espírito do Ano Santo há pouco terminado e os diversos "jubileus" que reuniram e motivaram homens e mulheres de todas as raças, de todas as idades e condições, mostraram, se fosse necessário, que a consciência moral está ainda bem viva e que Deus habita no coração do homem. Perante vós, contentar-me-ei em evocar o "Jubileu dos Responsáveis de Governo, Parlamentares e Políticos" reunidos no início de Novembro. O Papa experimentou grandes consolações espirituais ao ver tanta boa vontade e tanta disponibilidade para acolher a graça de Deus. Assim, uma vez mais, se constatou a exactidão do que proclama, de um modo magnífico, a Constituição pastoral *Gaudium et spes*, do Concílio Vaticano II: "Segundo a fé da Igreja, Cristo, morto e ressuscitado por todos, oferece à humanidade, pelo seu Espírito, luz e forças que lhe permitam corresponder à sua altíssima vocação. Ela crê também que a chave, o centro e o fim de toda a história humana se encontram no seu Senhor e Mestre" (n. 10).<sup>3</sup> Seguindo os pastores, magos e todos aqueles que, desde há dois mil anos, se apressaram a encontrar-se diante do presépio, também a humanidade de hoje parou alguns instantes no dia de Natal, para contemplar o Menino Jesus e para receber um pouco desta luz que acompanhou o seu nascimento e que continua a iluminar todas as noites dos homens. *Esta luz diz-nos que o amor de Deus será sempre mais forte do que o mal e a morte.* Esta luz assinala o caminho de todos aqueles que, no nosso tempo, em Belém e Jerusalém, percorrem penosamente o caminho da paz. Ninguém deve aceitar, nesta parte do mundo que acolheu a revelação de Deus aos homens, a banalização de uma espécie de guerrilha, a persistência da injustiça, o desprezo do direito internacional ou o pôr entre parêntesis dos Lugares Santos e as exigências das comunidades

cristãs. Israelitas e palestinos não podem imaginar o seu futuro se não em conjunto e cada uma das partes deve respeitar os direitos e as tradições da outra. Já é tempo suficiente para voltar aos princípios da legalidade internacional: proibição de adquirir territórios pela força, direito dos povos a dispor de si mesmos, respeito pelas resoluções da Organização das Nações Unidas e das convenções de Genebra, para só citar os mais importantes. De outro modo, há tudo a temer: iniciativas unilaterais aventureiras com uma extensão da violência dificilmente controlável. Esta mesma luz se põe também sobre todas as outras regiões do nosso planeta, onde os homens escolheram a violência armada para fazer valer os seus direitos ou as suas ambições. Penso, neste momento, na *África*, continente em que circulam demasiadas armas e onde demasiados países conhecem uma democracia incerta e uma corrupção devastadora, onde o drama argelino ou a guerra no sul do *Sudão* continuam a massacrar as populações sem piedade; não posso, também, esquecer o caos em que mergulharam os países da *Região dos Grandes Lagos*. É por isso que devemos saudar com satisfação o acordo de paz realizado no mês passado em Argel, entre a Etiópia e a Eritreia, assim como os esforços levados a cabo na *Somália*, com vista a um regresso progressivo à normalidade. Mais perto de nós e com que tristeza! os atentados terroristas que semeiam a morte na *Espanha* e que desfiguram o país, humilhando toda a Europa, também ela à procura da sua identidade. É para a Europa que muitos povos olham ainda como para um modelo em que se podem inspirar. A Europa nunca mais esqueça as raízes cristãs que tornaram fecundo o seu humanismo! Que ela seja generosa para com todos indivíduos ou nações que batem às suas portas!<sup>4</sup> A luz de Belém, que se dirige "aos homens de boa vontade", compromete-nos a combater em toda a parte e em todas as circunstâncias, a pobreza, a marginalização, o analfabetismo, a desigualdade social ou a vergonha do tráfico de seres humanos. Nada disto é uma fatalidade e devemos alegrar-nos que reuniões e meios internacionais tenham permitido pôr um remédio, ao menos em parte, nestas chagas que desfiguram a humanidade. O egoísmo e a ambição do poder são os piores inimigos do homem. Estão sempre, de qualquer maneira, na origem de todos os conflitos. Isto constata-se, em particular, nalgumas zonas da América do Sul, onde as desigualdades socioeconómicas e culturais, a violência armada ou a guerrilha, o pôr em questão as conquistas democráticas destroem o tecido social e fazem perder às populações a confiança no futuro. É preciso ajudar este imenso continente a fazer frutificar todo o seu património humano e material. A desconfiança, as lutas, bem como as consequências das crises do passado podem, na realidade, ser sempre ultrapassadas mediante a boa vontade e a solidariedade internacional. A *Ásia* dá provas disso com o diálogo instaurado entre as duas *Coreias* e com o caminho de *Timor Leste* para a independência.<sup>5</sup> O crente e de modo particular o cristão sabe que é possível uma outra lógica. Retomá-la-ei com palavras que poderão parecer-vos demasiado simples: *cada homem é meu irmão!* Se estivéssemos convencidos de que somos chamados para viver em conjunto, como é belo conhecer-se, estimar-se e ajudar-se, o mundo seria radicalmente diverso. Quando pensamos no século que acaba de se concluir, impõe-se uma constatação a seu respeito: ele passará à história como o século que conheceu as maiores conquistas da ciência e da técnica, mas também como o século em que a vida humana foi desprezada da maneira mais brutal.

Refiro-me, certamente, às guerras semeadoras de morte estaladas na Europa, aos totalitarismos que tornaram escravos milhões de homens e mulheres, mas também às leis que "legalizaram" o aborto ou a eutanásia, ou ainda aos modelos culturais que espalharam a ideologia do consumismo e do prazer a todo o custo. Se o homem transtorna os equilíbrios da criação, esquece que é responsável dos seus irmãos e não tem cuidado com o ambiente que o Criador confiou às suas mãos, este mundo, programado unicamente segundo os nossos projectos, poderá tornar-se irrespirável.<sup>6</sup> Como recordei na *Mensagem para o Dia Mundial da Paz*, no dia 1 de Janeiro, todos devemos tirar benefícios deste 2001, que a Organização das Nações Unidas quis como "*Ano internacional do diálogo entre as culturas*", "para construir a civilização do amor... (que) se apoia sobre a consciência de que existem valores comuns a toda a cultura, porque radicados na natureza da pessoa" (n 16). Pois bem, qual é a coisa mais comum a todos na natureza humana? *Sim*,

*neste início de milénio, salvemos o homem!* Salvemo-lo todos, em conjunto! Compete aos responsáveis da sociedade proteger a espécie humana, fazendo com que a ciência esteja ao serviço da pessoa, que o homem não seja objecto a dividir, comprar ou vender, que as leis não sejam mais condicionadas pelo mercantilismo ou pelas reivindicações egoístas de grupos minoritários. Nenhuma época da história da humanidade fugiu à tentação de fechar o homem em si mesmo numa atitude de auto-suficiência, de domínio, poder e orgulho. Mas tal risco, nos nossos tempos, tornou-se mais perigoso no coração dos homens que, mediante o seu esforço científico, crêem poder tornar-se senhores da natureza e da história.<sup>7</sup> Será sempre dever da comunidade dos crentes afirmar publicamente que nenhuma autoridade, nenhum programa político, nenhuma ideologia está autorizada a reduzir o homem àquilo que ele é capaz de fazer ou produzir. Os crentes terão sempre o dever imperativo de recordar a todos e em todas as circunstâncias *o mistério pessoal inalienável de cada ser humano*, criado à imagem de Deus, capaz de amar à maneira de Jesus. Quero repetir, por vosso intermédio, aos governantes que vos acreditaram junto da Santa Sé, *a determinação da Igreja Católica na defesa do homem, da sua dignidade, dos seus direitos e da sua dimensão transcendente*. Ainda que a alguns repugne evocar a dimensão religiosa do homem e da sua história, ainda que outros queiram reduzir a religião à esfera do privado, outros ainda persigam a comunidade dos crentes, os cristãos continuarão a proclamar que a experiência religiosa faz parte da experiência humana. É um elemento vital para a construção da pessoa e da sociedade à qual os homens pertencem. Assim se explica o vigor com o qual a Santa Sé sempre defendeu a liberdade de consciência e de religião, na sua dimensão individual e social. O drama vivido pela comunidade cristã na *Indonésia* ou as discriminações evidentes de que são vítimas ainda hoje outras comunidades de crentes, pelo menos as cristãs, em certos Países de obediência marxista ou islâmica, clama por uma vigilância e uma solidariedade sem roturas.<sup>8</sup> São estes os pensamentos que me inspirou o nosso encontro tradicional, que me permite dirigir-me, de certa forma, a todos os povos da terra através dos seus representantes mais qualificados. Peço que transmitais a todos os vossos compatriotas e aos Governos dos vossos Países os votos de oração que o Papa formula por sua intenção. Através desta história de que nós somos actores, tracemos o caminho do milénio que começa. Todos em conjunto, ajudemo-nos uns aos outros a permanecer dignos da vocação a que fomos chamados: *formar uma grande família, feliz por se saber amada por um Deus que nos quer irmãos!* Que o Altíssimo vos abençoe a todos vós e as pessoas que vos são queridas. © Copyright 2001 - Libreria Editrice Vaticana